



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

UM QUADRO DE FREI CARLOS

«...Em 1534 pintou para a Sacristia do Mosteiro de Santa Marinha da Costa um quadro do Senhor na acção de o sepultarem.» — José da Cunha Taborda. *Regras da Arte da Pintura* (1).

Luciano Freire, o insigne reintegrador dos nossos primitivos, escreveu, há cerca de um ano, para a revista *Terra Portuguesa* (2) um estudo crítico intitulado «Frey Carlos». No trabalho citado, Luciano Freire, examinador proficiente como é da expressão estética e técnica dos grandes pintores passados, expõe sobre o carácter e o processo do nobre flamengo uma série de sólidas provas de análise, das quais resulta, atenta a riqueza do assunto, uma forte, grande lição ao espírito das pessoas interessadas.

Sobre Frei Carlos conhecíamos já o que José da Cunha Taborda, Raczyński (3), Justi, Joaquim de Vasconcelos (4) e José de Figueiredo (5) tinham publicado, não nos sendo de todo estranhas as impressões críticas de Bertaux, Salomon Reinach e Marcel Dieulafoy acerca da obra do laureado monge do Espinho (Evora). Vem agora Luciano Freire, e fala-nos com a

(1) *Regras da Arte da Pintura*, por José da Cunha Taborda. 2.^a ed. 1922. Coimbra.

(2) *Terra Portuguesa* — n.ºs 35-36 — Lisboa. 1922.

(3) Conde de Raczyński — *Les arts en Portugal* — Paris, Jules Renouard, 1846.

(4) Joaquim de Vasconcelos — *A pintura portuguesa nos séculos XV e XVI* — Dicionário Pinho Leal, vol. 12.º, pág. 1855.

(5) José de Figueiredo — *Introdução sobre um ensaio de pintura quinhentista em Portugal* — Boletim de Arte e Arqueologia, n.º 1.º — 1921.

serenidade do restaurador emérito que desdobra a condição de professor entre todos útil e agradável. O seu artigo é uma grande lição, de cujo valor se reconhecem distantes quasi tôdas as muitas palavras que, sobre o problema, anteriormente surgiram escritas. E como se trata de um trabalho sério — num país de dizeres superficiais — eis-nos resolutos a ofertar-lhe, como homenagem, umas achêgas de história vimaranense, que o são também de verdade histórica, em humilde subsídio à discussão de um interessante assunto de arqueologia artística.

*

A notícia de Taborda sobre a existência de um quadro de Frei Carlos no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, é a primeira que sobre o assunto se conheceu.

Taborda diz:

“...Em 1534 pintou (*Frei Carlos*) para a sacristia do Mosteiro de Santa Marinha da Costa um quadro do Senhor na acção de o sepultarem...” (1).

Luciano Freire — seja dito de passagem — ao reproduzir a informação de Taborda substitui a designação de *sacristia* pela de *capela*:

“...bem como o que representava o *Enterro de Christo*, datado de 1534, que ornava a capela da igreja de Santa Marinha da Costa...”

Esta modificação, porém, nada ou quasi nada significa para o esclarecimento histórico do assunto a tratar-se.

Luciano Freire — o mestre insigne — continua:

“Existiu outro quadro do mesmo autor e do mesmo assunto, que, além da singular circunstância de estar assinado, tinha a data de 1535 e estava, em 1846, na posse do pintor suíço, Roquemont, que por algum tempo viveu em Portugal; é Raczynski quem nos dá a notícia.”

Em seguida, Luciano Freire pergunta se, quanto à assinatura, se tratará de uma burla, repetindo a in-

terrogação quanto à data, por virtude de temer que esta esteja alterada.

“¿ Tratar-se há de burla na assinatura, e estaria alterada a data, para assim desnortear a quem tivesse notícia da indicação feita por Taborda, disfarçando-se por essa forma um roubo cometido?”

E termina:

“De positivo, há apenas, quer se trate de um, quer de dois quadros do mesmo assunto, que se desconhece o seu paradeiro.”

Sobre o assunto da existência de um quadro de Frei Carlos em Guimarães, na sacristia do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, nada mais diz, no artigo citado, o insigne restaurador e crítico de arte.

Seguem-se as nossas informações, cujo valor reside numa coordenação escrupulosa e tanto quanto possível inédita.

*

Foi pela notícia de Taborda que pela primeira vez (1.^a edição, 1815) tivemos conhecimento de que Frei Carlos havia pintado naquela data do século XVI — em 1534 — um quadro representando o “Senhor na acção de o sepultarem”, destinado ao mosteiro vimaranense dos hieronimitas.

De verdade, o quadro que Taborda refere estava datado pelo autor? Quem hoje o poderá afirmar? Ninguém.

Mas aceitando quer a hipótese de que o quadro fôra primitivamente datado, ou aquela outra que coloca Taborda como consultor, em Guimarães ou Evora, sobre o assunto, de documento autêntico, comprovativo do período da execução, oferece-se-nos apenas acrescentar que se a data indicada corresponde igualmente ao ano da remessa, o quadro deu entrada em Guimarães seis anos após a cedência, por parte dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, aos hieronimitas, do velho mosteiro de Santa Marinha da Costa.

Esta entrega ou cedência favorável teve lugar a vinte e sete de Janeiro do ano de mil quinhentos e vinte e oito, sendo a posse dada, por parte dos Regrantes, pelo P. Frei Jorge, e recebida, na representação dos hieronimitas, pelo conhecido Frei António de Lisboa,

(1) Taborda — Obra citada, pág. 173.

no século Frei António Moniz, monge ilustre mais tarde sepultado em Tomar.

Dando de barato que o quadro ali tivesse entrado na primeira metade do século XVI — e porventura em 1534 — ornamentando, segundo a informação, um altar da sacristia, o certo é que precisamente duzentos anos depois já ali se não encontrava, tendo nós de aceitar como boa a hipótese de que fôra então transferido a qualquer outra das dependências do mosteiro.

E' o Dr. Frei Manuel Baptista de Castro que no-lo conta:

«Arruinada a antiga Sacristia determinou o Padre Prior Fr. Crespim da Conceição, professo de Belem, fazel-a de novo em 1734, em que a deixou acabada...» (1).

O hieronimita, depois de enumerar as peças de mobiliário e ourivesaria que ornamentavam a mesma sacristia, conta:

«Tem um altar defronte da porta principal que se entra pelo claustro. Fica este altar no grosso da parede com sua simalha e retabulo de talha dourada e o frontal tambem é da mesma talha com brocado fingido estofado. Está neste altar a Senhora da Piedade, estofada com o Senhor nos braços, e no retabulo tem um painel, aonde se vê pintado o monte calvario...»

Nenhum outro altar possuía e possui a sacristia do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, e claro é que na descrição do altar da Senhora da Piedade a «Chronica» do Dr. Fr. Manuel Baptista de Castro não alude a nada que represente o «Senhor na acção de o sepultarem». O quadro, portanto, passou, como dissemos, a qualquer outro aposento; e nem êle era de qualidade a ser inutilizado ou cedido, dada a consideração do nome consagrado de Frei Carlos — pintor de reis e infantes (2).

(1) «Fundação do Mosteiro de Santa Marina da Costa, proximo a Guimarães. Extrahida da Chronica manuscripta do Padre Mestre Dr. Fr. Manoel Baptista de Castro, por Fr. Adriano Casimiro de Santa Paula Pereira d'Oliveira, Monge de S. Jeronimo, professo no mosteiro de S. Marcos. Belem, 27 de outubro de 1832». — in *Revista de Guimarães*, vol. 29.º, n.º 4.º, pág. 178.

(2) Luciano Freire — Obra cit., pág. 162. José de Figueiredo — Obra cit., pág. 18.

*

Estamos chegados à segunda parte da série documental que nos prestamos a oferecer, como homenagem, ao insigne reintegrador dos nossos encantadores primitivos.

Como acima dissemos, Luciano Freire, transcrevendo do volume *Les arts en Portugal*, informa que Raczyński vira, em 1846, nas mãos do pintor suíço Augusto Roquemont, um quadro igualmente de Frei Carlos, com o mesmo assunto do da Sacristia de Santa Marinha da Costa, e, o que é mais, assinado e datado de 1535.

Duas rectificações há aqui a fazer, pelo que respeita a datas. A primeira diz respeito ao Sr. Joaquim de Vasconcelos, que duas vezes errou a data do quadro, transcrevendo mal a nota de Raczyński (1); e a segunda errata é da responsabilidade de Luciano Freire, o qual, devendo indicar a data da posse de Roquemont anteriormente a 1844, a faz avançar, não sabemos porquê, dois anos além (2).

Raczyński, na comunicação datada de 17 de Fevereiro de 1844, diz:

«Mr. Roquemont à possédé de frey Carlos, un Christ au tombeau, figures demi-grandeur naturelle, portant signature et la date 1535...» (3)

Nem, pois, como diz Luciano Freire, Raczyński vira o quadro nas mãos de Roquemont em 1846, mas, o mais tardar, em Fevereiro de 1844; nem tam pouco o quadro a que Raczyński se refere tem, como diz o Sr. Vasconcelos, a data de 1537, mas sim a de 1535.

Pôsto isto, vamos ao assunto do quadro que Roquemont possuía.

¿Donde lhe veio o quadro? ¿Era o mesmo que

(1) Joaquim de Vasconcelos — *A pintura portuguesa nos séculos XV e XVI* — pág. 1869. *A arte religiosa em Portugal* — fasc. 9.º.

(2) Luciano Freire — Obra cit., pág. 161.

(3) Raczyński — Obra cit., pág. 127.

os hieronimitas da Costa receberam? De verdade, Frei Carlos replicou o assunto?

Cremos poder afirmar, sem rigorosos intuitos policiais, que o quadro que Roquemont mostrou a Raczyński era o exemplar antes pertencente ao Mosteiro de Santa Marinha da Costa.

E' o Sr. Pedro Vitorino, distinto conservador do Museu Municipal do Pôrto, quem nos vem ajudar neste inquérito.

Celebrando Roquemont — em quem, aliás, eram notáveis os recursos de retratista — o moço crítico de arte historia o seguinte:

“...Obtido o lugar de Director da aula de desenho da Real Academia de Marinha e Comércio do Pôrto, aí se manteve até que os pronúncios da guerra civil em Julho de 1832 o fizeram abalar para a sua preferida Guimarães onde contava distintas amizades.

“Foi nesta vila que o pai ⁽¹⁾ o deixou, hospedado em casa do seu amigo Conde de Azenha, quando do seu regresso à Itália.

“A Guimarães voltava de novo numa hora incerta, a princípio, mas que se lhe tornou tam propícia que lá permaneceu cêrca de dez anos. Trabalhando incansavelmente, no convívio da mais escolhida sociedade, granjeou um nome invejável... etc....” ⁽²⁾

Temos, portanto, que Roquemont viveu em Guimarães “cêrca de dez anos”, ou seja desde 1832 até 1842. Aqui vemos, desde já, como esta data se aproxima daquela em que Raczyński vira o quadro nas mãos do professor portuense, quando muito o ano da data da sua comunicação, 1844.

Falemos agora, ainda que ligeiramente, da família Azenha.

E' sabido que o título aos Condes de Azenha lhes advém de uma propriedade rústica e urbana que tiveram, se não tem ainda, na freguesia de Santa Marinha da Costa, a muito pequena distância do mosteiro. São

⁽¹⁾ O príncipe alemão Frederico d'Hesse Darmstadt. — Albano Belino — *Arqueologia christã* — pág. 163.

⁽²⁾ Pedro Vitorino — *Roquemont e Rezende* — in *Revista de Guimarães*, vol. 32.º, n.º 1.º, pág. 35.

conhecidas as várias e lisonjeiras referências à mesma família contidas em muitas páginas dos livros dos hieronimitas de Guimarães, sobretudo por motivo de festividades e como memória em necrológicos. Por fim diremos que a família Azenha, apesar de instalada de longa data em Guimarães, sempre fêz — e ainda há trinta anos os fazia — os seus enterramentos na freguesia distante, mas preferida, da Costa.

De resto, sendo a família Azenha uma das de maior representação social em Guimarães — até meados do século passado socialmente a mais representativa — não existe razão para duvidar, abonando os factos atrás apontados, das suas grandes relações com os monges do mais rico convento vimaranense.

Reparemos agora num caso de singular relação.

Roquemont veio para Guimarães em 1832, não é verdade? Pois temos que dois anos depois da sua chegada se encerra o mosteiro de Santa Marinha da Costa, dando-se então o êxodo dos objectos de arte e mobiliário ali existentes.

Foi de facto a nove de Julho de 1834 — ao fim dos dois primeiros anos da estada de Roquemont em Guimarães e porventura na herdade da Azenha — que os monges de Santa Marinha da Costa foram expulsos da sua residência conventual. O necrologista do último monge ali residente — P. Frei José de Santa Gertrudes — assim no-lo comunica, acrescentando-o com esta curiosa e útil informação:

“...Foi sepultado no corpo da igreja em a sepultura da casa da Azenha com vestes Clericaes, cazula, etc. não sei porque se lhe negou sepultura no nosso claustro...” ⁽¹⁾

Era ainda a família Azenha quem obsequiava os monges nessa hora revolta e amarga da derrota.

Ora tôda a gente sabe como se realizou o violento despejo dos objectos de arte por virtude da execução de decreto de Aguiar, em 1834. Nos conventos de Guimarães — como em numerosos do país — o desmanchar da feira representou um espectáculo único de vergonhas. E aqui temos o quadro de Frei Carlos

⁽¹⁾ *Revista de Guimarães*, vol. 29.º, n.º 4.º, pág. 174.

— certamente já conhecido, em visita, por Roquemont — a vir-lhe às mãos a trôco de qualquer mínima remuneração, dado que o ilustre retratista era a única pessoa que na época, em Guimarães, tinha interesse e especial competência para apreciar e adquirir objectos de arte — sobretudo pintura.

Fica assim esclarecida a razão porque dois anos depois do seu regresso ao Pôrto Roquemont mostrava a Raczyński — relações de fidalgos e artistas — o exemplar único, que não uma réplica, da composição de Frei Carlos, a qual, segundo Taborda e o benemérito autor do *Les arts en Portugal*, representava a scena do enterro de Cristo.

E a assinatura? E a data?

Singular é a admiração, como também a dúvida, de Luciano Freire por este assunto. ¿Porventura por ser este o único quadro datado e assinado por Frei Carlos? Mas, conhecendo o insigne reintegrador algumas composições de Nuno Gonçalves, ¿não é verdade que apenas uma — a adoração de S. Vicente — está assinada?

Existe apenas, cremos, a necessidade de fazer uma rectificação — a da data indicada por Taborda, pessoa que, na mais provável das hipóteses, se referiu ao quadro apenas por informação. Temos que chamar os seus números para a data da informação de Raczyński, ou seja para o ano de 1535.

Quanto ao mais tudo está certo, até mesmo, neste país, o facto do desaparecimento do quadro.

ALFREDO GUIMARÃES.